



INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS MACEIÓ
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS/PORTUGUÊS

LAYANE DOS SANTOS BARROS
AROLD FERNANDES DA SILVA

**ESCREVIVÊNCIA DE MULHERES NEGRAS NA LITERATURA
BRASILEIRA: RESISTÊNCIA E PROTAGONISMO FEMININO**

MACEIÓ, AL
2024

LAYANE DOS SANTOS BARROS
AROLDO FERNANDES DA SILVA

ESCREVIVÊNCIA DE MULHERES NEGRAS NA LITERATURA
BRASILEIRA: RESISTÊNCIA E PROTAGONISMO FEMININO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura em Letras Português do
Instituto Federal de Alagoas, *Campus Maceió*, como
requisito parcial para obtenção do grau de
Licenciado em Letras português.

Orientador (a): Profa. Dra. Willianice Soares Maia

Maceió, AL
2024



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Instituto Federal de Alagoas
Campus Maceió
Biblioteca Benevides Monte

801.95

B586e Barros, Layane dos Santos.

Escrevivência de mulheres negras na literatura brasileira [recurso eletrônico]: resistência e protagonismo / Layane dos Santos Barros, Aroldo Fernandes da Silva – Dados eletrônicos (1 arquivo : 347 KB). – 2024.

Trabalho acadêmico com 24 folhas.

Inclui referências.

Orientação: Profa. Dra. Willianice Soares Maia.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras – Português) – Instituto Federal de Alagoas, Maceió, 2024.

1. Letras – Português. 2. Literatura afro-brasileira. 3. Mulheres negras – Escrevivências. 4. Escrita feminina negra. I. Silva, Aroldo Fernandes da. II. Título.

Franciane Monick Gomes de França
Bibliotecária – CRB 4/1831


LAYANE DOS SANTOS BARROS
AROLDO FERNANDES DA SILVA

ESCREVIVÊNCIA DE MULHERES NEGRAS NA LITERATURA BRASILEIRA: RESISTÊNCIA E PROTAGONISMO FEMININO


Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado à Banca do curso de Licenciatura
em Letras do Instituto Federal de Alagoas Campus /Maceió-IFAL

Maceió, 31 de Outubro de 2024.


BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 WILLIANICE SOARES MAIA
Data: 20/12/2024 16:35:28-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


Prof^a. Dra. Willianice Soares Maia (Orientadora/IFAL)


Documento assinado digitalmente
 POLIANA PIMENTEL SILVA
Data: 23/12/2024 13:19:08-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Poliana Pimentel Silva (IFAL)

Documento assinado digitalmente
 ELAINE CRISTINA RAPOSO DOS SANTOS
Data: 23/12/2024 13:08:26-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Elaine Cristina Raposo dos Santos (IFAL)

Documento assinado digitalmente
 LAYANE DOS SANTOS BARROS
Data: 07/01/2025 07:11:51-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Documento assinado digitalmente
 AROLD FERNANDES DA SILVA
Data: 07/01/2025 22:04:24-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dedicamos este trabalho a

Nossos amados pais, cujo amor incondicional e apoio constante foram fundamentais ao longo de toda a nossa trajetória. Vocês sempre acreditaram em nós, mesmo nos momentos mais desafiadores, e nos ensinaram o valor do esforço, da persistência e da determinação. Agradecemos por cada palavra de encorajamento, cada gesto de carinho e por serem nosso alicerce. Aos meus queridos filhos, Sophia e Demétrio, que iluminam minha vida. Vocês são minha maior inspiração e motivação. Cada conquista que alcanço é dedicada a vocês, pois desejo que possam seguir seus sonhos e saber que, com dedicação e amor, tudo é possível. Espero que este trabalho possa ser um exemplo de que a determinação pode nos levar longe. Aos nossos cônjuges, que sempre estiveram ao nosso lado, apoiando-nos em cada passo dessa jornada. Paciência, amor e compreensão foram essenciais para que nós pudéssemos nos dedicar a este projeto. Agradecemos por serem nossos parceiros, nosso amigo e nossos maiores incentivadores. Esta conquista é fruto do esforço de todos nós. Dedico este trabalho não apenas como um reconhecimento do apoio que recebi, mas também como uma forma de expressar minha gratidão por cada momento vivido ao lado de vocês. Que esta dedicatória simbolize o amor que nos une e a importância que cada um de vocês tem em nossa vida. Obrigado por acreditarem em nós e por estarem sempre ao nosso lado. Este TCC é dedicado a vocês com todo o nosso carinho

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de expressar nossa profunda gratidão ao Instituto Federal de Alagoas, cujo ambiente acadêmico foi fundamental para o desenvolvimento deste trabalho. A excelência do ensino oferecido, aliada à dedicação dos profissionais, proporcionou um espaço propício para o aprendizado e a formação de cidadãos críticos e conscientes.

Um agradecimento especial à professora Willianice, cuja orientação e apoio foram essenciais durante todo o processo de elaboração deste TCC. Sua paciência e disponibilidade para tirar dúvidas foram fundamentais para que pudéssemos desenvolver nossas habilidades de pesquisa e análise. A forma como a professora conduz as discussões em sala de aula e sua capacidade de instigar o pensamento crítico foram verdadeiros diferenciais na nossa formação.

Agradeço também aos colegas e amigos que compartilham este percurso acadêmico, tornando a jornada mais leve e enriquecedora. As trocas de ideias e os momentos de colaboração foram indispensáveis para que nós pudéssemos crescer tanto pessoal quanto profissionalmente.

Por fim, somos imensamente gratos ao Instituto Federal de Alagoas por me proporcionar uma formação de qualidade, que certamente levará um impacto positivo na minha trajetória futura.

Literatura é discursividade e a cor da pele será importante enquanto tradução textual de uma história coletiva e/ou individual. (Duarte, 2008, p. 20)

RESUMO

A literatura afro-brasileira feminina tem se consolidado como um espaço de resistência para mulheres negras na sociedade brasileira. O presente estudo analisa a literatura escrita por mulheres negras brasileiras a fim de compreender como a escrita feminina negra tem se consolidado como via de resistência, luta e de voz de um povo, de uma nação. Para os fins do estudo foi utilizada uma abordagem de caráter qualitativo, analisando discursivamente as narrativas impressas na literatura de Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus e Bianca Santana, além de outras referências bibliográficas escritas por mulheres negras. A partir das leituras e análises, compreendemos que a escrevivência de mulheres negras na literatura brasileira tem se consolidado como uma via de ressignificação, resistência e denúncia de violências sofridas e de anulação da história e cultura de um povo-nação.

Palavras-chave: Escrevivências. Negritude. Mulher negra. Literatura afro-brasileira.

ABSTRACT

Afro-Brazilian female literature has consolidated itself as a space of resistance for black women in Brazilian society. The present study analyzes literature written by black Brazilian women in order to understand how black female writing has consolidated itself as a means of resistance, struggle and voice for a people, a nation. For the purposes of the study, a qualitative approach was used, discursively analyzing the narratives printed in the literature of Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus and Bianca Santana, in addition to other bibliographic references written by black women. From the readings and analyses, we understand that the writing of black women in Brazilian literature has been consolidated as a way of resignifying, resisting and denouncing the violence suffered and erasing the history and culture of a nation.

Keywords: Writings. Blackness. Black woman. Afro-Brazilian literature.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	OBJETIVOS	14
2.1	OBJETIVO GERAL	14
2.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	14
3	REVISÃO DE LITERATURA	15
4	METODOLOGIA	17
5	DISCUSSÕES E ANÁLISES	17
5.1	LITERATURA AFRO-BRASILEIRA: UM CAMINHO PARA O SURGIMENTO DE VOZES NEGRAS FEMININA	17
5.2	NEGRITUDE FEMININA E O RACISMO ESTRUTURAL	21
5.3	LITERATURA AFRO-BRASILEIRA E A RESISTÊNCIA DE MULHERES NEGRAS	22
6	CONCLUSÕES	23
	REFERÊNCIAS	24

1 INTRODUÇÃO

Nos livros de História no Brasil, observa-se um silenciamento, no que se refere à representação das mulheres de origem africana, na contribuição para o desenvolvimento do país, do século XVI até o século XIX com a assinatura da Lei Áurea pela princesa Isabel, em 13 de maio de 1888. Ainda que anônimas, essas mulheres souberam na sua sutilidade driblar o sistema escravista, deixando suas influências no falar, andar, na dança, culinária, nas vestimentas, além de suas múltiplas funções exercidas, ainda que negadas. Na senzala elas exerciam o papel de parteiras, cuidavam das feridas provenientes dos severos castigos de seus senhores como também de líderes religiosos. Na monocultura da cana-de-açúcar, nas funções domésticas da casa-grande. Elas eram impedidas de serem mãe para tornarem-se amas-de-leite com a finalidade de amamentar os filhos dos senhores, personagens reais muitas vezes vista como objeto de exploração física e em suas fragilidades sem direito de voz, abusadas sexualmente pelos seus senhores e ainda recebiam duras torturas, castigos e humilhações de suas senhoras por terem “cedido” a sedução de seus esposos. Mesmo tratando-se de um trabalho de cunho feminista, vale ressaltar o poema, “Essa Nega Fulô”, do saudoso alagoano Jorge de Lima (1893-1953), onde o autor narra a estória de uma escrava chamada Fulô, abordando a formação étnica nas relações sexuais e afetivas entre escravas e seus senhores mediante de suas curvas físicas e as situações desfavoráveis que estas eram submetidas no dia-a-dia na realização dos caprichos de suas sinhás e ainda as severas punições como é mostrado no poema:

JORGE DE LIMA

Essa negra fulô

Ora, se deu que chegou

(isso já faz muito tempo)

No banguê dum meu avô

Uma negra bonitinha,

Chamada negra Fulô.

Essa negra Fulô!

Essa negra Fulô!

-Vai forrar a minha cama

Pentear os meus cabelos,

Vem ajudar a tirar

A minha roupa, Fulô!

Essa negra Fulô!

Ó Fulô! Ó Fulô!

(Era a fala da Sinhá)

Essa negra Fulô!

Ó Fulô! Ó Fulô!

(Era a fala da Sinhá)

vem me ajudar, ó Fulô,

vem abanar o meu corpo

que eu estou suada, Fulô!

vem coçar a minha coceira,

vem me catar um cafuné, vem me contar uma história,

que eu estou com sono, Fulô!

Ó Fulô! Ó Fulô!

(Era a fala da Sinhá chamando a negra Fulô!)

Cadê meu frasco de cheiro

Que teu Sinhô me mandou?

-Ah! Foi você que roubou!

Ah! Foi você que roubou!

Essa negra Fulô!

Essa negra Fulô!

O Sinhô foi ver a negra

levar couro do feitor.

A negra tirou a roupa,

O Sinhô disse: Fulô!

(A vista se escureceu que nem a negra Fulô).

Essa negra Fulô!

Essa negra Fulô!

Ó Fulô! Ó Fulô!

Cadê meu lenço de rendas,

Cadê meu cinto, meu broche,

Cadê meu terço de ouro

Que teu Sinhô me mandou?

Ah! Foi você que roubou!

Ah, foi você que roubou!

O Sinhô foi açoitar

Sozinho a negra Fulô.

A negra tirou a saia

e tirou o cabeção,

de dentro dele pulou

nuinha a negra Fulô.

Ó Fulô! Ó Fulô!

Cadê, cadê teu Sinhô

Que nosso Senhor me mandou?

Ah! Foi você quem roubou,

foi você, negra Fulô?

A literatura afro-brasileira feminina tem se consolidado como um espaço de resistência para mulheres negras na sociedade brasileira. Sendo um importante caminho para (re)construir memórias, dar voz aos silenciados, lutar contra o preconceito e o racismo estrutural, bem como contra a invisibilidade e a obliteração da cultura, história e memória do povo negro. Um lugar de representatividade e denúncia, tendo o sujeito negro como centralidade das narrativas (Duarte, 2008).

É sabido que a literatura afro-brasileira tem ocupado, pouco a pouco, um lugar significativo de resistência e representatividade para o povo negro na contemporaneidade. Configura-se enquanto um campo literário múltiplo e diverso (Duarte, 2008), que reivindica a história e a cultura de um povo marcado pela discriminação, violência, exclusão, invisibilidade e a tentativa de exclusão histórico de um povo. Em vista disto, compreendemos que a literatura negra pode, não apenas, dá voz aos afrodescendentes como também tem potencial para ressignificar suas vidas, sendo um caminho destinado ao despertar para o mundo real em suas mais variadas facetas e para a (re)construção identitária (Ribeiro, 2014).

Com a finalidade de recuperar os valores do povo negro, a negritude caracteriza-se como ato de rejeição ao racismo contra os povos afrodescendentes (Brito; Mousinho, 2014). Na literatura feminina negra, a negritude tem ganhado força enquanto representatividade, reivindicação de direitos, ressignificação de trajetórias de vida, ascensão de memórias e cultura de uma coletividade marcada pela exclusão, invisibilidade, histórico, social e cultural, além da denúncia da violência sofrida por mulheres negras em sua vida cotidiana.

A literatura negra feminina imprime não apenas a condição de ser mulher negra em uma sociedade machista, mas a condição de ser negro em uma sociedade racista, tornando-se um lugar que dá voz a um povo, com a escrita diretamente ligada às experiências reais de vida afrodescendentes, estabelecendo um diálogo com o passado em busca de compreender o presente (Lira et al., 2024).

A partir do exposto, nos propomos, neste estudo, a analisar quatro obras literárias escritas por mulheres negras brasileiras: Olhos D'Água e Insubmissas lágrimas de mulheres, de Conceição Evaristo; Quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus; e Quando me descobri negra, de Bianca Santana, a fim de compreender como a literatura afro-brasileira feminina tem impactado e ganhado espaço na sociedade brasileira, sendo via de representatividade das vivências, experiências, memórias, lutas, resistência do povo negro.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Compreender de que modo a literatura afro-brasileira tem se colocado como um lugar de resistência para mulheres negras, literatura esta que carrega em si marcas da experi(viv)ência de um passado/presente de exclusão, preconceito, racismo, negação, apagamento.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar obras literárias escritas por mulheres negras brasileiras, a fim de investigar de que maneira as vivências deste público alvo se refletem e se (re)constroem na literatura;

- Averiguar de que modo as vozes de mulheres negras ganham força e representatividade na literatura afro-brasileira;
- Constatar quais os impactos da negritude feminina negra na literatura e na sociedade brasileira;
- Identificar de que maneira a literatura afro-brasileira feminina denuncia o preconceito racial e de gênero.

3 REVISÃO DE LITERATURA

Vozes femininas negras surgem na literatura brasileira rasgando bravamente o véu da discriminação, do preconceito e do racismo estrutural. Enquanto um lugar de resistência, a literatura negra feminina se sobrepõe à eliminação da história do povo negro, concedendo-lhes um espaço de identificação, visibilidade cultural e ressignificação de suas vidas, além de consolidar-se como uma “terra” de denúncia e revolução. A luta de mulheres negras na população brasileira perpassa por questões raciais, de gênero e sociais; subvertendo as estruturas hegemônicas do patriarcado, numa busca incansável por direitos negados. Direito de viver, de ser e de se reconhecer como negro, sem defrontar-se com o teor pejorativo associado aos afrodescendentes, difundido histórica e socialmente no Brasil.

Mulheres negras como Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus, Djamila Ribeiro, Thiarlley Valadares, Bianca Santana e tantas outras, quando escrevem representam um povo, uma nação. Não falam por si só, pois trazem refletida em sua voz as vozes silenciadas de antepassados, os gritos mudos da opressão de um povo, as vivências negras na contemporaneidade, ainda hoje traçadas pela discriminação, preconceito e violência. São mulheres que “[...] assim como tantas outras escritoras negras, no Brasil, luta incessantemente contra as práticas institucionais escravagistas presentes nos dias atuais, as quais ainda persistem apoiadas no racismo enraizado, que perdura na contemporaneidade” (Lira et al., 2024, p. 2), imprimindo em suas narrativas impressões reais de um passado que assombra estabelecendo um diálogo com as cicatrizes abertas de um futuro presente.

Duarte (2008, p. 12), destaca cinco fatores importantes para a escrita da literatura negra: a temática (o negro deve ser a centralidade); a autoria (pessoas negras que escrevem, falam de sua experiência como um povo, uma nação); ponto

de vista (“visão de mundo identificada à história, à cultura, logo a toda problemática inerente à vida desse importante segmento da população.”); a linguagem (discurso específico, marcada pela expressão de ritmos e significados novos e, mesmo, de um vocabulário pertencente às práticas lingüísticas oriundas de África e inseridas no processo transculturador em curso no Brasil.”, ou seja, traz a linguagem da África para a literatura brasileira); a formação de um público leitor afro-descendente como fator de intencionalidade próprio a essa literatura e, portanto, ausente do projeto que nortearia a literatura brasileira em geral. Esses elementos precisam estar em constante interação, não podendo aparte-se um do outro, já que constituem um todo literário.

Outra vertente dessa diversidade temática situa-se na história contemporânea e busca trazer ao leitor os dramas vividos na modernidade brasileira, com suas ilhas de prosperidade cercadas de miséria e exclusão. [...] E logo surgem o subúrbio, a favela, a crítica ao preconceito e ao branqueamento, a marginalidade, a prisão. (Duarte, 2008, p. 14)

É nessa tessitura temática que constroem-se os relatos da história real do povo negro, as vivências de mulheres negras marcadas por um não-lugar na sociedade. Nesse “trazer dramas vividos na modernidade” as denúncias de preconceito e de racismo estrutural se fortificam e a representatividade de uma nação se consolida, numa constante via de ressignificação da realidade imposta.

A escritora ou escritor exerce o importante papel de porta-voz de um segmento populacional, nas palavras de Duarte (2008). É um sujeito que reivindica valores e luta pelo combate às violências a partir de histórias múltiplas, do resgate da memória de um povo, da disseminação de uma cultura apagada pelas vias do patriarcado, tendo por função maior despertar o leitor para o mundo real, saindo do imaginário estereotipado e opressivo, “[...] Isto explica a reversão de valores e o combate aos estereótipos, que enfatizam o papel social da literatura na construção da auto-estima dos afro-descendentes” (Duarte, 2008, p. 20). Em outras palavras, à literatura negra atribui-se o encargo de subversão de um sistema opressor, patriarcal e racista, abalando direta e indiretamente as suas estruturas.

A escrita literária negra, em sua maioria, têm como centralidade a memória do povo negro, retratando a realidade de uma coletividade de modo a contemplar aspectos de sua história e cultura, caracterizando-se como escrita autobiográfica em um cenário em que se colocam como voz de uma nação/comunidade que teve a sua história apagada e violada (Nogozeky, 2019). Não raramente, mulheres negras têm

utilizado a literatura como meio de exaltação de seu povo, como meio para articular narrativa e discursivamente as experiências autobiográficas de suas vivências e experiências em um cenário opressor, fazendo uso da “memória como matéria prima” de seu escrito (Nogozeky, 2019).

Ribeiro (2019), em seu Manual Antirracista, faz importantes apontamentos sobre a importância de conhecermos a história dos povos afro-descendentes, como forma de compreendermos a base de constituição da sociedade africana, visto que sua trajetória não se restringe à escravidão. A partir disso, poderemos entender como o racismo estrutural se associa ao período de escravização dos povos africanos no Brasil.

4 METODOLOGIA

A metodologia adotada no presente estudo tem caráter de abordagem qualitativa, a partir de revisão e análise bibliográfica. Elegemos quatro obras literárias escritas por mulheres negras em cenário brasileiro, a fim de construir uma análise de revisão narrativa e sistemática, em vista de interpretar, compreender e analisar as escritas de mulheres negras e seu impacto na sociedade brasileira, como forma de resistência e protagonismo negro. Em um primeiro momento foi realizada a leitura de revisão bibliográfica, em seguida a leitura das obras literárias, para posteriormente ser consolidada as análises que nos serviu como corpus do estudo.

5 DISCUSSÕES E ANÁLISES

Saber lidar frequentemente e de cabeça erguida com as marcas de laceração e sofrimento decorrentes da exclusão, do aniquilamento da cultura, preconceito, sexismo, opressão, invisibilidade ainda é uma realidade à qual mulheres negras estão submetidas diariamente na sociedade brasileira. Sob esse viés, Ribeiro (2014) evidencia que ser mulher negra em uma sociedade racista e machista exige coragem e resistência para o enfrentamento das constantes violências sofridas, além de resiliência para encontrar vias com destino a modificação de suas realidades, quebrando ciclos de violência que nem sempre são visíveis e construindo novas formas de sobre(viver).

5.1 LITERATURA AFRO-BRASILEIRA: UM CAMINHO PARA O SURGIMENTO DE VOZES NEGRAS FEMININA

Através da literatura afro-brasileira, vozes femininas puderam surgir e expressar os dramas por elas vividos, expondo para outras partes do mundo o que não conseguiam falar/denunciar/expor em voz alta. Nesse sentido, a escrivência, através da literatura, deu voz às mulheres negras para que pudessem denunciar atos violentos, concedendo poder de fala àqueles que foram silenciados historicamente.

De acordo com Lira et al. (2024) é na pele que se sente a dor do preconceito racista. É nesse contexto de dor que Carolina Maria de Jesus (2012) despeja em sua obra “Quarto de despejo: diário de uma favelada”, a marginalização sofrida pelos povos negros nas grandes cidades, a partir de sua experiência de vida, sendo a favela um lugar de exclusão social, constituída por pobreza, fome e miséria. Para Jesus (2012, p. 32), a favela é o quintal onde despejam os lixos. É através de suas escrivências que a poeta evidencia o modo que o negro favelado localiza-se na sociedade, bem como a sua desvalorização devido as marcas da escravidão que ainda perduram na sociedade brasileira. Desse modo, a expressão "quarto de despejo" nos remete aos lugares onde se concentravam os negros escravizados que viviam também de formas insalubres, conhecidos por senzala. Podemos notar, ainda, a partir dos escritos de Jesus (2012), que com o passar do tempo o que apenas mudou foi o termo utilizado para nomear os lugares de concentração das pessoas sem oportunidades de moradia digna e acessível.

O diário de Carolina Maria de Jesus transcreve as memórias autobiográficas da autora, tendo a pessoa negra como centralidade autoral e temática. A obra remete-nos a uma história narrada e vivenciada nos recônditos da existência de uma mulher negra/favelada que sentia na pele, de forma literal, a opressão e o sofrimento devastador e obscuro da desigualdade social e econômica.

“Quando eu crescer compro uma casa de tijolos para a senhora.” (JESUS, 2012, p. 14)

O sonho apequena-se ao desejo de possuir uma moradia, o que, na realidade, é algo básico para viver-se com dignidade em sociedade. A poeta demonstra, como demos analisar na fala supracitada, a insatisfação de morar na favela — em barracos, ao tempo que narra a sua vida cotidiana como catadora de lixo, deixando nítido as consequências veladas do período de escravidão que se perpetuam ainda nos dias atuais: a exclusão, a desigualdade social e econômica, o preconceito, o racismo

estrutural, a pobreza, o descaso dos poderes governamentais e a sexualização de mulheres negras.

Mesmo diante de tanto sofrimento e da falta de renda para suprir as necessidades básicas, Jesus (2012) cultivava sonhos: a compra de uma casa confortável feita de tijolos, andar limpa, usar roupas de alto preço; ainda que fosse consciente de suas limitações, afirmando que “[...] o custo dos generos alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida” (p. 10), com valores cada vez mais altos e inacessíveis.

A autora evidencia as tramas de sua resistência, sendo mãe solteira de três crianças e precisando trabalhar exaustivamente, ganhando pouco, para sustentar seus filhos e sobreviver: “...Tem hora que revolto com a vida atribulada que levo. E tem hora que me conformo” (Jesus, 2012, p. 21). Estas tramas refletem a vida de muitas mulheres que vivem nas margens da sociedade, sem apoio financeiro e sem trabalho digno.

É notório que o que mais se destaca na obra de Jesus (2012) é o seu protagonismo ao escrever um diário onde relata as próprias angústias, dores, inquietações, denúncias... algo que ninguém poderia entender ou descrever tão bem quanto ela, que sentia na pele as marcas de sobrevivência que a mulher negra e favelada possuía, em meio a uma luta constante em um sistema social que contribui ferozmente com a ocultação e o silenciamento das vozes negras, ainda mais quando se trata de mulheres.

Outro ponto importante a ser ressaltado nos escritos de Carolina Maria de Jesus é a questão da associação de pessoas negras à criminalidade, vejamos:

...Fiquei horrorizada! Haviam queimado meus cinco sacos de papel. [...] Eu ouvi dizer que vocês lá da favela vivem uns roubando os outros. [...] Quando elas falam não sabem dizer outra coisa a não ser roubo. Percebi que foi ela quem queimou meus sacos. Resolvi retirar com nojo delas. Aliás já haviam dito-me que eles são uns portugueses malvados. Que a D. Elvira nunca fez um favor a ninguém. Para eu ficar prevenida. Não estou ressentida. Já estou tão habituada com a maldade humana. (Jesus, 2016, p. 24)

Como podemos observar, a criminalização de pessoas de pele retinta está diretamente relacionada com o período de escravidão no Brasil, são marcas de um passado que se faz presente.

Apesar da falta de escolarização, Jesus (2012) consegue expressar sua mensagem de denúncia social, evidenciando a violência, as misérias, a fome, a

marginalização da mulher negra na sociedade brasileira, a falta de políticas públicas dos governos e as injustiças sociais, jogadas no quarto de despejo, ou seja, nas margens da sociedade, nas favelas das grandes cidades.

Referente à obra literária “Olhos D’Água” (2016), de Conceição Evaristo, esta traz a tona 15 contos, os quais abordam as vivências de mulheres negras em cenário de silenciamento pelo racismo estrutural, evidenciando a condição de vida precária e de trabalho de mulheres negras, permeada também por questões de gênero, preconceito, violência e machismo. São pequenas narrativas que refletem as condições de vida de um povo marginalizado e violentado de formas variadas.

A morte brinca com balas nos dedos gatilhos dos meninos. Dorvi se lembrou do combinado, o juramento feito em voz uníssona, gritado sob o pipocar dos tiros: — A gente combinamos de não morrer! (Evaristo, 2016, p. 62)

Combinar de não morrer se coloca enquanto um grito de resistência frente as violências sofridas pelo povo negro, que vem se perpetuando ao longo do tempo, hoje de forma velada, mais não menos desumana e violenta.

Não raramente, a mulher negra continua a ser sexualizada nas camadas sociais (Santana, 2015), como também invisibilizadas, violentadas, discriminadas.

Diante desse nefasto cenário da sociedade brasileira, Evaristo (2011), em seu livro “Insubmissas lágrimas de mulheres”, narra a história de mulheres negras que sofrem com a violência, São Marias, Anas, Natalinas, são mulheres marcadas pela violência.

[...] Dizem que algumas pessoas escrevem para não morrer, outras pintam, algumas representam, e há também as que cantam, as que tocam instrumentos, as que bordam... Eu danço. (EVARISTO, 2011, p. 68)

As dores e sofrimentos das mulheres que se apresentam nas narrativas refletem uma realidade permeada pela violência, seja em seu lar ou na lida dentro das estruturas da sociedade, como também a resistência dessas mulheres em meio ao desejo intrínseco de sobrevivência. Nesta obra, Evaristo (2011) retrata violência sexual e doméstica; machismo, preconceito e exclusão feminina — evidenciando o não lugar da mulher em uma sociedade patriarcal; dependência feminina em uma sociedade machista e violenta; sexismo; sexualização de mulheres negras; racismo estrutural.

[...] Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo [...] ao escreverem, tatuam em nós, suas leitoras e seus leitores, os séculos e séculos de invisibilidades e silenciamentos, as vivências da pele, na pele e pela pele, bem como as urgentes denúncias, na busca por justificação. (Lira; Silva, 2024, p. 10)

Evaristo (2011; 2016), concebe uma voz de resistência as mulheres negras ao afirmar que “A gente combinamos de não morrer”, tornando-se esta fala em um levante, em vista da violência sofrida, da fome, do descaso, da morte sorrateira e impiedosa que, injustamente, persegue pessoas de pele retinta, um povo assombrado pelo medo ecoado pelas vielas de uma história apagada.

5.2 NEGRITUDE FEMININA E O RACISMO ESTRUTURAL

No livro “Quando me descobri negra”, de Bianca Santana, a escritora negra traz à tona a dor do preconceito e do racismo estrutural sofrida por ela, mas que se reflete na realidade de mulheres pretas. Bianca Santana discorre, em ato corajoso, sobre a condição de ser mulher negra em uma sociedade preconceituosa, racista, patriarcal e machista. Tendo a dor de ser como sua companheira de vida. A trajetória de auto aceitação de Bianca é dolorosa, descobrindo-se negra apenas 20 anos depois de seu nascimento. Nas escolas, no bairro, nas circunvizinhanças, Bianca, por ter a pele negra em uma tonalidade mais clara, não era considerada como pessoa negra, reverberando a todo instante uma sensação de inadequação e do racismo velado pelo branqueamento (Ribeiro, 2014).

Eu fui branqueada em casa, na escola, no cursinho e na universidade. É como disse Francisco Weffort: o branqueamento apaga as glórias dos negros, a memória dos líderes que poderiam sugerir caminhos diferentes daquele da humilhação cotidiana, especialmente para os pobres. Ainda em busca de identidade, afirmo com alegria que sou negra há dez anos. E agradeço ao professor do Educafro que pela primeira vez, em 21 anos, fez o convite para a reflexão profunda sobre minhas origens. (Santana, 2015, p. 15)

A autora evidencia a falta de representatividade negra em cargos bem remunerados e de auto padrão, denuncia a violência contra o povo negro (de crianças a adultos, de homens a mulheres). O de perecimento da cultura negra e de sua história enquanto nação resulta, inúmeras vezes, em um sentimento de não pertencimento. As escolas, como afirma Bianca, ainda, não discutem as questões ligadas ao povo negro sob um viés de ascensão da cultura e história afrodescendente.

Em consonância com os escritos de Santana (2015), Djamila Ribeiro (2014) evidencia que a representatividade negra feminina é de extrema importância para que seja desenvolvido novos conhecimentos, para que crie força para falar por outras

vozes, para que se possa enxergar as perspectivas de diferentes mulheres, para estas saíam da invisibilidade e recuperem o orgulho bem como as tradições e cultura de suas raízes africanas, de seu povo-nação.

[...] a construção da mulher negra como inerentemente forte era desumana. Somos fortes porque o Estado é omissivo, porque precisamos enfrentar uma realidade violenta. Internalizar a guerreira, na verdade, pode ser mais uma forma de morrer. Reconhecer fragilidades, dores e saber pedir ajuda são formas de restituir as humanidades negadas. Nem subalternizada nem guerreira natural: humana. Aprendi que reconhecer as subjetividades faz parte de um processo importante de transformação. (RIBEIRO, 2014, p. 14)

Desse modo, podemos compreender que a mulher negra está em constante construção e transformação frente a sociedade brasileira e o racismo estrutural. É percebendo-se humana que a mulher negra assume sua voz e ressignifica sua história, pois percebe-se capaz de expandir seus horizontes e de ser autora de sua história e trajetória de vida.

5.3 LITERATURA AFRO-BRASILEIRA E A RESISTÊNCIA DE MULHERES NEGRAS

As mulheres negras vêm conquistando seu espaço, tornando-se donas de si e de suas vidas, abrindo caminhos para a compreensão e o conhecimento da vivência dos injustiçados e oprimidos. Dessa forma, podemos afirmar que “[...] Mais do que nunca, na contemporaneidade, um significativo número de mulheres negras vêm escrevendo, dentro do universo da literatura afro-descendente, suas dores, dissabores e amores.” (Lira; Silva, 2024, p. 4), construindo narrativas vivas, denunciando violências, fazendo ouvir a voz dos silenciados através de seus escritos, sendo resistência.

Para que haja luta por aquilo que se tem direito é preciso ter conhecimento a respeito dos direitos conquistados ao longo dos anos, como bem aponta Djamila Ribeiro (2014). Portanto, consideramos importante superar a invisibilidade da história e cultura do povo negro, recuperando suas raízes como forma de resistência e ressignificação de trajetórias. A autora afirma que

Pensar a prática de mulheres negras me fez perceber o quanto isso era importante para restituir humanidades negadas. Tudo o que aprendi na luta política do dia a dia e nas organizações em que atuei foi essencial para meu crescimento e minha visão de mundo. (RIBEIRO, 2014, p. 13)

A literatura negra, como podemos constatar, consolida-se como via de resistência, na qual as narrativas fortificam o movimento negro e expandem os caminhos de visibilidade de um povo-nação que há décadas vem sofrendo com atos violentos, discriminatórios, preconceituosos e excludentes.

6 CONCLUSÕES

A literatura escrita por mulheres negras tem se consolidado bravamente em um ato de resistência do povo negro. Uma literatura que denuncia violências, que evidencia a opressão e luta contra o racismo estrutural e o apagamento da história de um povo-nação. Dessa forma, mulheres/escritoras negras têm usado a literatura como caminho para o despertar para uma realidade nova, a partir da ressignificação identitária e da reivindicação de direitos negados. Como em um levante, as vozes femininas gritam e irrompem fortemente por libertação.

Através da literatura negra as vozes femininas puderam expressar seus dramas vividos e expor para as outras partes do mundo onde não eram vistas, o que não conseguiam falar, mas a escrevivência através da literatura deu voz às mulheres negras para que pudessem denunciar, mostrar, dar o poder de fala aos silenciados.

Por fim, pontuamos que a conscientização sobre as violência vividas pelo povo negro, as reivindicações de seus direitos (saúde, moradia, educação, saneamento básico, entre outros), as denúncias, entre outros fatores retratados na literatura afro-brasileira contribuem significativamente para a (re)construção identitária dos povos africanos. Sendo a literatura um caminho para que as vozes de mulheres negras surjam, ganhando força e representatividade no meio literário e na sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

BRITO, Amanda Ramalho de Freitas; MOUSINHO, Luiz Antonio. Signo Lírico: a mulher negra através de Léopold Senghor e Jorge de Lima. **GRAPHOS: Revista da Pós-Graduação em Letras**. [S. l.: s. n.]

DUARTE, Eduardo de Assis. Literatura afro-brasileira: um conceito em construção. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 31. Brasília, janeiro/junho de 2008, p. 11-23. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4846151.pdf> Acesso em: 30 de mar. 2024.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

EVARISTO, Conceição. **Olhos D'água**. Rio de Janeiro: Pallas, Fundação Biblioteca Nacional, 2014.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Francisco Alves, 2004.

LIMA, Jorge de. *Poemas Negros*. Rio de Janeiro: **José Olympio**, 1948.

LIRA, Valdilene da Silva; SILVA, Cleide Calheiros da; MACEDO, Joana D'Arc Ferreira de. Vozes femininas afrodescendentes contemporâneas na literatura brasileira - Uma experiência no PRP. [S. l.] 2024.

MENDES, Ana Claudia Duarte. Eco e memória: “vozes-mulheres”, de Conceição Evaristo. **Revista de Estudos Literários: terra roxa e outras terras**, 2009.

NOGOZEKY, Franciele Aparecida. Eu sei por que o passáro não canta na gaiola: uma aproximação com a tradição do Bildungsroman. **Scripta Alumni - Uniandrade**, n. 22, 2019. ISSN: 1984-6614. Disponível em: <http://uniandrade.br/revistauniandrade/index.php/ScriptaAlumni/index>

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?**. São Paulo: Editora Schwarcz S. A., 2014.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Editora Schwarcz S. A., 2019.

SANTANA, Bianca. **Quando me descobri negra**. São Paulo: Sesi editora, 2015.